

9. Considerações finais

Iniciamos este trabalho enumerando os objetivos da pesquisa com os técnicos: rastrear as visões de mundo e os projetos desses sujeitos; e identificar as forças e dinamismos significativos em sua construção-desconstrução-reconstrução. Era minha pretensão compreender os possíveis limites e possibilidades desses elementos, a fim de oferecer alguma orientação aos diversos processos de formação humana que dialogam com esse tipo de sujeitos ou, até mesmo, talvez, contribuir, ainda que modestamente, para a formulação de uma teoria da formação humana, mesmo a partir do estudo de um segmento mais específico, como foi o nosso caso. A pesquisa pretendia, portanto, oferecer pistas para a compreensão dos critérios pelos quais pessoas comuns (no sentido de não serem lideranças nem militantes de nenhum tipo de movimento) inseridas na sociedade complexa ocidental moderna selecionam nessa os elementos simbólicos e as práticas com os quais constituem seu modo de vida. Era meu interesse compreender como discursos e práticas sociais, tais como as sindicais, escolares, empresariais, midiáticas, familiares e governamentais, impactam o sujeito-cidadão-trabalhador qualificado com escolaridade média e explicar por que isso ocorre de determinadas maneiras, e não de outras.

Tínhamos como pano de fundo geral o debate travado no campo das ciências humanas e sociais acerca das transformações em curso nas sociedades modernas, a que nos referimos na Introdução e em diversos pontos do trabalho. Nesse debate, muito se fala de compressão espaço-tempo, de desterritorialização e de perda de espaço das referências clássicas das identidades (família, trabalho, igrejas, classe social) e do advento de novas e fragmentadas referências (mídia, lazer, consumo, gênero, idade, raça), tudo isso numa interação estreita com as mudanças observadas na economia, que, além de definitivamente internacionalizada, atinge limites impensáveis de competitividade e concentração.

Minha pesquisa permitiu constatar, entretanto, que, conforme alertam alguns autores, esse processo atinge de maneiras variadas os diferentes grupos sociais e culturais. No caso dos técnicos investigados, configurações complexas envolvendo traços de personalidade, *habitus* familiares e escolares, tradições culturais oriundas da matriz popular, do mundo da produção, saberes científicos, esco-

lares e informações e estilos oriundos das mídias constituem um *pool* a partir do qual esses sujeitos elaboram suas visões de mundo e projetos. Analisando os eixos estruturadores de seus sistemas classificatórios (não homogêneos, mas que guardam algumas identidades), percebemos que eles se distanciam bastante do padrão de “uma crescente alienação das gerações jovens (...) em relação aos mais velhos e à sociedade da qual são parte, (...) dissonância cognitiva entre o que os jovens sentem e os valores e mensagens que a sociedade e a família lhes transmitem” (Castells, apud Abramovay, 2002:) ou ainda “um niilismo juvenil de um novo tipo” (idem:11) onde se observa a proclamada perda da centralidade dos valores construídos em torno da ética do trabalho em benefício de uma ética do consumo. Mas nossos técnicos diferenciam-se também dos “alpinistas” sociais ou de uma aristocracia operária deslumbrada com as próprias conquistas no competitivo mundo do trabalho e que legitima a lógica da meritocracia através, por exemplo, da ideologia da empregabilidade. Os técnicos investigados demonstram possuir referências importantes, ainda que “clássicas”: a família, a escola, o trabalho e, ainda que não explorada neste trabalho, a religião. Isso não significa, entretanto, que eles constituem um grupo deslocado de seu tempo, uma reminiscência “tradicional”, ou um enclave “moderno” numa sociedade já imersa na modernidade tardia. Ao contrário, em meio ao conjunto dos trabalhadores brasileiros, eles se constituem num dos segmentos em condições objetivas de dialogar com os meios e as mensagens da modernidade tardia: acesso a um conjunto relativamente mais amplo de produtos, mídias e informações (jornais, revistas, internet, cursos diversos), capacidade de circulação pelo espaço da cidade e entre diferentes localidades (recursos financeiros e meios de transporte), bem como relativo trânsito entre grupos sociais diferenciados (através de ambientes como a escola profissional, a universidade, o local de trabalho) não acessados pela maioria dos trabalhadores no país.

Também não se deve concluir que esse grupo seja caracterizado por uma resistência às práticas e representações que circulam na modernidade tardia, constituindo-se num gueto de preservação da cultura moderna, que já começa a ser considerada por alguns como passado. Podemos observar como eles escolhem, muitas vezes, mudar em relação às práticas e representações predominantes em seus grupos de origem: famílias e redes locais onde foram socializados, como podemos observar em suas práticas e representações acerca da educação dos filhos.

É na geração dos técnicos que penetra, pela primeira vez, nessas famílias trabalhadoras, idéias como “necessidades emocionais das crianças”, “características pessoais”, “importância da convivência com os filhos”, necessidade de diálogo”, “acompanhar o crescimento das crianças”. Também é nas geração das famílias atuais dos técnicos que as mulheres apresentam maior escolaridade e também ingressam no mercado de trabalho.

Ao articular permanências e mudanças, os técnicos parecem não só valorizar como também buscar ativamente a ampliação de seu campo de possibilidades (“correr atrás”, “não ficar parado”), assumindo-se como sujeitos, mas bastante referenciados naquelas instâncias clássicas de inserção social e referência identitária, nas quais, efetivamente, encontraram alguma acolhida e canais de inserção, de construção de uma identidade positiva, tanto como auto-imagem quanto como papel social – no sentido de sentirem-se socialmente úteis. Tanto na família como na escola e no trabalho, eles encontram, a par de suas inúmeras contradições, não raro dramáticas, espaços onde conseguem ocupar um lugar com alguma legitimidade social. É a partir dessa situação que eles constroem toda uma visão de mundo, com explícito referencial ético que orienta seus projetos e que se caracteriza por um significativo (e variado) grau de ascetismo: disciplina, pontualidade, esforço e sacrifício pessoal, projetos de longo prazo e adiamento de recompensas, ocupação intensa do tempo com atividades referidas ao projeto de melhoria de vida, abdicação dos tempos de repouso e lazer. A questão do tempo emerge como uma das mais dramáticas em suas vidas, como pudemos ver: privados do período de moratória oferecido pelas gerações adultas à juventude, privado dos tempos de lazer a até mesmo do repouso por períodos prolongados onde trabalho e estudo se sobrepõem, quase que sem muita esperança de mudança desse quadro, dada a intensificação da competição no mercado de trabalho que exige-lhes mais e mais formação.

Os elementos que referenciam seu universo simbólico e orientam suas práticas e escolhas articulam-se ao projeto de melhoria de vida, fortemente introjetado por esses sujeitos e que vai sendo, ao longo de suas trajetórias, reforçado por suas experiências, como quando eles se confrontam com vizinhos e colegas de trabalho que, tendo trilhado caminhos diferentes, encontram-se em condições de vida piores que as deles. Entretanto, ao longo de suas trajetórias, os técnicos vão percebendo que todo esse esforço não encontra a devida reciprocidade do mercado

de trabalho e da sociedade como um todo. Muitos deles continuam excluídos das melhores oportunidades, possuem pouco acesso aos recursos materiais e culturais disponíveis na metrópole e observam, inclusive, uma crescente queda no padrão de vida alcançado e/ou almejado. Frente a tal situação, o caminho possibilitado pela sociedade moderna é o da qualificação profissional, que eles prosseguem no seu permanente esforço, ingressando na universidade, depois em cursos de inglês, de pós-graduação, de gerenciamento, etc.

As contradições inerentes às instâncias sociais experimentadas nem sempre são vislumbradas por todos os técnicos. Se no conjunto do grupo investigado encontramos um amplo espectro de preocupações, de eixos analíticos da realidade, de expectativas em relação à vida pessoal e social, no nível individual a cada um é dado perceber ou lidar de maneira mais flexível com apenas partes da complexidade social. Alguns manejam melhor as tensões internas às relações familiares, outros dominam um espectro maior de referenciais de análise da realidade sociopolítica, outros transitam de forma mais complexa, crítica e também eficaz pelo mundo do trabalho, enquanto outros ainda têm uma perspectiva e expectativas mais amplas e acuradas com relação à vida cultural (no sentido estrito da palavra). Individualmente, cada um usufrui as possibilidades e limites de suas representações e estratégias, o que indica, aos processos formativos escolares e sociais (como aqueles implementados através de políticas culturais, sindicais, etc), a necessidade de procurar contemplar esses diferentes âmbitos da vida humana, todos eles fundamentais, conforme amplamente demonstrado pela presente pesquisa, na constituição dos sujeitos, de seus modos de vida e projetos.

Dependendo de suas condições de diálogo com os desafios impostos pela modernidade tardia, esses trabalhadores, inseridos no mercado formal e em processo de ascensão escolar e profissional, constituem-se como trãnsfugas ou como mediadores, o que faz, certamente, toda a diferença. Ficou claro que grande parte dessas condições referem-se à compreensão racional do ambiente social em que se encontram inseridos, bem como ao desenvolvimento de capacidades básicas, especialmente as de comunicação e de auto-expressão. Onde falham as instâncias formadoras em propiciar-lhes elementos para tal compreensão, vêm ao socorro da maioria deles os valores tradicionais da classe trabalhadora (mais uma vez, família, trabalho, religião e, ainda, solidariedade, igualdade e vida comunitária), incor-

porando as modernas disciplinas⁶² e oferecendo-lhes um alicerce sobre o qual podem referenciar suas visões de mundo com forte caráter de classe, ainda que não de todos os investigados, porém, claramente, da maioria deles. Aos valores herdados dos grupos de que são originários, somam-se suas experiências no mercado de trabalho e na sociedade, onde identificam ora a oposição empresários *versus* trabalhadores, ora ricos *versus* pobres, ora cidadãos produtivos *versus* cidadãos apropriadores das riquezas da nação (políticos, especuladores, acionistas das grandes empresas, ricos herdeiros). É a partir deste referencial que eles recusam ou reinterpretam alguns dos elementos da cultura hegemônica da modernidade tardia, tais como o individualismo, o apelo ao consumo como eixo estruturador de suas identidades, a perda do valor do trabalho, da família e da religião.

Entretanto, a vida na metrópole, além de não favorecer a realização desses valores para além do âmbito familiar, dificulta ou chega mesmo a impedi-la. A ocupação quase integral de seu tempo com trabalho e formação aliam-se às distâncias físicas e culturais que constroem verdadeiras fronteiras. Mais do que dificultar a transposição de tais fronteiras, os técnicos demonstram pouca motivação para fazê-lo, preferindo concentrar suas relações nos grupos familiares ou outros culturalmente próximos a este, demonstrando manter aí sua principal identificação, ainda que, conforme demonstrado, apropriem-se também de elementos de outras grupos sociais.

Também pudemos constatar a capital importância, em seu processo de formação, da vivência de experiências escolares que oferecem aos sujeitos em construção elementos que viabilizam sua inserção social no mundo do trabalho (poderoso valor de suas culturas de origem e, de resto, do conjunto da sociedade moderna) em condições minimamente dignas. Somada aos valores construídos ao longo da socialização familiar imersa, na maioria dos casos na cultura das classes trabalhadoras, essa perspectiva concreta de inserção no trabalho confere um significado especial não só aos diplomas como também aos conhecimentos e *habitus* ofertados pelas escolas que interferem na relação desses (então) jovens, tanto com o saber e com as “disciplinas” (no sentido foucaultiano) quanto consigo mesmos e com o mundo. Também os sujeitos oriundos dos setores médios recebem um impacto na formação profissional escolar. Vários deles passam, pela primeira vez na

⁶² No sentido foucaultiano.

vida, a dialogar com experiências de outros segmentos da população que não as camadas médias, de onde são originários. Ampliam-se igualmente suas visões de mundo e também são acrescidos novos significados aos conhecimentos escolares e às disciplinas, aproximando-se, de alguma maneira, dos valores mais comumente encontrados entre as classes trabalhadoras: esforço, conquista, solidariedade, respeito aos simples, limites para as necessidades de consumo.

Entretanto, é necessário retomar o caráter contraditório dos processos de socialização experimentados por esses sujeitos. Como alerta Touraine, a razão pode vir a configurar-se em processo formativo de caráter totalitário se for adotada como critério único definidor da vida social, especialmente quando assumida, como nas sociedades modernas, enquanto razão instrumental, destituindo o sujeito (individual e coletivo) de seus desejos e referenciais próprios em nome da norma, da disciplina, da eficácia e da convivência social. Uma formação dominada exclusivamente pela razão constrói sujeitos sociais inseridos nas normas mas desconectados de si. De uma maneira aparentemente paradoxal, vimos que os mesmos processos que, ao disciplinarem e racionalizarem os sujeitos, possibilitam sua inserção social, a estruturação de sua auto-imagem e de seus projetos, esses mesmos processos, entretanto, trabalham no sentido de enfraquecer as relações sociais (fundadas nos processos de identificação) e, até mesmo, a própria compreensão de si.

Uma vez que nossa tarefa como educadores é construir propostas de intervenção nos processos formativos dos sujeitos, é necessário dar um delicado passo além da etnografia ou da descrição e análise sociológica dos sujeitos e apontar aqueles valores e práticas que acreditamos serem capazes de contribuir para a formação do tipo humano que desejamos transmitir para as próximas gerações. Nossa pesquisa permitiu constatar que, no caso dos técnicos de nível médio, é preciso estar atento para a necessidade de contrabalançar ou relativizar a força do projeto racionalista moderno, sem entretanto abrir mão de suas virtudes. Permitir a emergência dos sujeitos individuais e culturais para além de apenas trabalhar sua racionalização nos processos formativos é necessidade de primeira ordem. Ao fixar-se apenas nos aspectos racionais, as agências formadoras arriscam-se a desconectar-se dos sujeitos concretos, como no caso dos sindicatos, ou a impor-se sobre sua cultura, transformando-os em trânsfugas, que pairam perdidos entre diferentes mundos sem conseguir nem transitar entre eles nem referenciar-se em

nenhum deles, como vimos em alguns dos casos descritos. Dessa forma, é possível apontar para alguns temas que se destacaram ao longo da pesquisa como questões fundamentais com as quais esses sujeitos se defrontam, nem sempre equipados conceitual e instrumentalmente para enfrentá-los, o que lança um alerta para as construções curriculares de projetos educativos, a saber: domínio de diversas modalidades de linguagem oral e escrita e aquisição de hábito de leitura; discussões e práticas relativas às relações interpessoais, à ética e às diferenças culturais e hierárquicas; construção de projetos de desenvolvimento pessoal; discussões acerca das políticas públicas (tecnologia, educação e cultura, mídia e comunicação, etc); reflexões acerca do mercado de trabalho e das ideologias que aí circulam como a da meritocracia e empregabilidade; conhecimento histórico-crítico acerca das organizações sindicais, legislação trabalhista e direitos dos trabalhadores (como distribuição de lucros, direito do trabalhador estudante e outros); desenvolvimento de habilidades diversificadas de auto-expressão (artística), apenas para citar os mais relevantes.

Os processos formativos e, conseqüentemente, os formadores precisam ainda preparar-se para dialogar também com as trajetórias individuais e familiares desses sujeitos, cujas visões de mundo vieram se formando, articulando-as com a história social e cultural de sua sociedade e de seu tempo. É na junção desses três elementos que poderemos construir uma teoria da formação humana que dialogue efetivamente com as demandas tanto da sociedade quanto do mercado, das culturas e dos indivíduos, único caminho para a construção de verdadeiros sujeitos. Se a educação aponta para o novo, ela deve necessariamente incorporar a cultura e a tradição, pois, como alerta Sahlins, “o novo paradigma, para funcionar, tem que deixar subsistir algo do antigo”, em que valores práticos estão referenciados (1979:35).

Para finalizar, ressalto a constatação da importância do sujeito individual. Ao lado das inúmeras determinações que “pesam” sobre os vivos, como disse Marx, o indivíduo e suas idiossincrasias, desejos, necessidades e dramas pessoais constroem significados e escolhas as mais variadas e até mesmo inesperadas. Uma das evidências disso, além das já exploradas ao longo do trabalho, está na marcante resistência de todos os investigados de quaisquer pesquisas a verem-se reduzidos a algum grupo social com previsíveis determinações e caracterizações. Para

além de pretensão ingênua, essa postura indica a vontade de ser um ator social (moderno) autônomo.

“O sujeito não se reduz jamais ao lugar que ele ocupa no sistema” (Touraine, 1994: 149)

Porém, as experiências dos técnicos aqui analisadas demonstram que nem as escolas, nem os sindicatos, muito menos as empresas parecem percebê-lo. Nessas instâncias, os sujeitos não passam de mais um dentre seus alunos, mais um dentre os milhares de trabalhadores: base sindical para uns, empregados para outros. Mas os técnicos clamam contra essa relação e, sem abandonar essas instâncias, ao contrário, extraíndo delas o máximo que podem, ancoram também suas referências em relações de outro tipo, que, nessa pesquisa constatamos ser encontradas principalmente nas famílias e na religião. Ainda com Touraine, acredito que “o sujeito não pode se dissolver na pós-modernidade porque ele se afirma na luta contra os poderes que impõem sua dominação em nome da razão”, mesmo quando, como no caso dos técnicos, essa seja abraçada com tamanha veemência (Idem:13). No transcorrer de suas trajetórias, esses sujeitos constroem, talvez mais tardiamente do que seria necessário, a compreensão dos limites do projeto moderno, das armadilhas do tipo humano burguês, e tentam recuperar outros valores e significados que possam, um dia, superá-lo.

Forçoso é constatar que a nem todos, nas circunstâncias atuais, é dado perceber a complexidade de tal situação, o que nos faz retornar ao início de tudo, ao início desta pesquisa, e perguntar: Como estão os processos educativos escolares, sindicais e sociais dialogando com essas contraditórias e paradoxais experiências e visões de mundo dos sujeitos concretos com os quais dialogam?

Estância do Hibisco, verão de 2003

Post scriptum

De um dos muitos e-mails recebidos dos técnicos entrevistados:

> >"Não basta ensinar ao homem uma especialidade,
> >porque se tornará assim uma máquina
> >utilizável e não uma personalidade.
> >É necessário
> >que adquira um sentimento, um senso prático
> >daquilo que vale a pena ser empreendido,
> >daquilo que é belo, do que é
> >moralmente correto"
> >(Albert Einstein)